

EDITORIAL

AUTOCONTROLE

Pessoas há que agem, premeditada ou mesmo inconscientemente, sem pensar nas mínimas consequências de seus atos incongruentes, por vezes irresponsáveis.

A ironia, o desrespeito para com o semelhante, quem está ao nosso redor! Calúnias, agressividades, desídias fazem parte, infelizmente, do estoque moral da humanidade e com elas deparamo-nos, a todo instante. Autores outros que agem, quantas vezes, às ocultas, dissimuladamente, lançadores de dardos e setas venenosas que nos penetram até o cerne da alma e provocam-nos inauditos sofrimentos. Incendiários imprudentes ou intencionais, ocultos covardemente pelo anonimato, gerando, com as suas maquinacões, dores e tragédias inomináveis.

Há, ademais, aqueles que abusam da força, do mando, do personalismo – seja de viés político, financeiro, religioso, familiar, administrativo ou de qualquer ordem - para infligir danos ao outro, esquecendo-se de que toda autoridade humana é passageira e que o poder pessoal é criado entre pessoas, não sobre pessoas. Poder é algo partilhado e só pode ser alcançado, de forma harmoniosa, respeitosa, solidária.

Atitudes que provocam mágoas, decepções, feridas insanáveis. Uma pessoa, vítima de boatos caluniosos, criminosos e irrespon-

sáveis, que atingiram toda a sua família, confidenciou-nos que jamais recuperou-se das infâmias sofridas. Nunca mais voltou a ser a mesma de antes, a cabeça erguida. Sofreu inúmeros prejuízos pessoais, sociais e profissionais. Quem pagará por isso?! Quem devolverá o que lhe foi roubado, em termos de dignidade, imagem e mesmo valores materiais?!

Devemos policiar sempre nossos pontos de vista, nossos atos, nossos conceitos, principalmente nossos juízos, pois poderemos causar danos irreparáveis – pessoais, familiares, sociais, profissionais – a terceiros, e dos quais, em algum momento, dentro da Justiça Divina e nos foros de nossa própria consciência, caber-nos-á expiar. “Nada há debaixo da terra que deixará de ser descoberto”, já nos diz a sabedoria popular.

Se vítimas, devemos, contudo, embora a nossa dor natural, exercer o perdão, eliminando de nós, qualquer fardo de raiva, depressão, amargura, que são verdadeiras e perniciosas prisões internas. Não é fácil, mas liberta. Afinal, atitudes alheias são de exclusiva responsabilidade de quem as pratica, mesmo sob a ignomínia do anonimato, e não nossas. Daí a prática imprescindível do perdão, da renúncia, da tolerância, da magnanimidade. A vida prossegue o seu ritmo infinito...

AO PÉ DA FOGUEIRA

O ‘SEM PALAVRA’

Empresário jovem e bem sucedido, prestes a se casar, aluga de comum acordo e a inteiro gosto da noiva, uma casa no centro da cidade. Combinados, previamente, com o dono do imóvel, o preço, formas de pagamento, o tempo de locação que seria indeterminado, reajuste de valor anual, com base nos índices oficiais.

Com um senão: o proprietário recusara-se, peremptoriamente, a firmar contrato de locação. “Coisas do governo e para mim, desnecessárias”, diz. E completa, com fidalguia: “Para homens de bem, como eu, basta a palavra!”

O inquilino promove, às suas expensas, uma limpeza geral no imóvel – remendos e pinturas nas paredes, revisão de forros e telhados, colocação de carpetes e requintados cortinados, melhorias no banheiro e cozinha. Desta forma, tão logo realizados os esponsais, o casal muda-se, de mala e cuia, para o novo endereço.

Eis que, passados dois ou três meses, vê-se o inquilino ante uma desabrida visita, uma situação inusitada. O proprietário do imóvel, certo entardecer, sol já posto no horizonte, com mil e um rapapés e salamaleques, procura-o, comunicando-o que desocupasse, com a máxima urgência, a casa; que necessitava da mesma para acomodar uma filha que iria se casar e que também ele iria reformar sua própria residência, demandando assim novo espaço para acomodar a si e a família.

Aturdido, pasmo, o inquilino reage, expõe ao interlocutor que tinham um contrato em vigor, ainda que verbal; que tinham ajustado



o aluguel, em todos os seus detalhes, com duração indeterminada; que fizera já consideráveis investimentos e gastos na restauração e melhoramentos no imóvel locado; que ele, o próprio dono, não aceitara a formatação de nenhum contrato, sob o argumento de que sua palavra, e tão somente ela, seria suficiente...

Percebendo o grau de estupefação e indignação do inquilino, o proprietário tratante, roedor de cordas, conhecido na cidade por seus negócios ardilosos, sediciosos, chamou-o a um lugar à parte, rua já às escuras, local ermo, cofia a tenra barba, mostra-lhe o rosto, exhibe-lhe as duas faces de forma patente, provoca-o ostensivamente, lança-lhe um repto:

- Eis aqui as minhas duas faces: você pode bater, cuspir, fazer o que quiser... Você foi muito ingênuo, moço... Decerto que não deve frequentar rodas, não se assuntou direito na cidade sobre a minha pessoa, pois palavra minha não vale nada!

ADIVINHAS

- 1- Como é que os antigos navegadores viajavam à noite?
- 2- Como se chama um piolho na cabeça de um careca?
- 3- Por que é que o português comprou um pijama para andar de moto?
- 4- O que o mosquito disse para a sua namorada?
- 5- Qual é o animal mais honesto do mundo?
- 6- Qual é a frase preferida das pessoas magrinhas?

Respostas:
 1- Com o barco a vela; 2- sem teto; 3- para poder entrar deitado nas curvas; 4- "Deixe de dengue!"; 5- A cobra, não passa o pé em ninguém; 6- "Gente fina é outra coisa."

Provérbios e Adágios

- Quanto mais pobre o circo, mais enfeitados os palhaços
- Amor primeiro não tem companheiro
- A fortuna é de vidro; um dia, se quebra.
- Quando a crise entra pela porta, o amor sai pela janela
- Depois que a procissão passa, não adianta tirar o chapéu
- Para o pessimista, o vento geme; para o otimista, o vento canta

Para refletir:

- Faça o que for necessário para ser feliz, mas não se esqueça que a felicidade é um sentimento simples. Você pode encontrá-la e deixá-la ir embora, por não perceber a sua simplicidade. (Mário Quintana)
- Não eduque o seu filho para ser rico. Eduque-o para ser feliz. Assim ele saberá o VALOR das coisas e não o seu PREÇO. (Max Gehringer)
- Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já não têm a forma de nosso corpo e esquecer os caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia; e se não ousarmos fazê-lo, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos (Fernando Pessoa)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



Efemérides 2014

2/01/1914
Nascimento de Orlando Villas Boas – sertanista, indigenista

30/01/1914
Nascimento de Carlos Lacerda – jornalista, político, tradutor

18/03/1914
Nascimento de César Guerra Peixe – compositor, maestro

30/04/1914
Nascimento de Dorival Caymmi – cantor, compositor

10/05/1914
Nascimento de Amaro Macedo – botânico

26/05/1914
Nascimento de Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes (Irmã Dulce)

18/06/1914
Falecimento de Silvío Romero – pensador, crítico literário

20/06/1914
Nascimento de Djanira da Motta e Silva – pintora

02/07/1914
Nascimento de Mário Schemberg – físico

18/07/1914
Nascimento de Adalcinda Camarão – poetisa e compositora paraense

11/08/1914
Nascimento de Júlio Gouveia – ator diretor de teatro e TV

28/08/1914
Nascimento de Júlio Cortazar – escritor argentino

19/09/1914
Nascimento de Lupicínio Rodrigues – compositor

12/11/1914
Falecimento de Augusto dos Anjos - poeta

18/11/1914
Nascimento de Iberê Camargo – pintor

“A arte é o espelho da pátria. O País que não preserva os seus valores culturais jamais verá a imagem de sua própria alma”

(Frederic Chopin)

Patrocínio:



Apoio Cultural:



Castil

As entidades classistas e de cunho técnico ligadas à agropecuária promoveram em São Tiago, ao longo de vários anos (até meados da década de 1990, aproximadamente) um seminário denominado “Semana do Produtor Rural” – uma rica programação que envolvia, dentre tantas, palestras sobre atividades e novidades tecnológicas para o meio rural, dias de campo, visitas in loco a fazendas-modelo ou iniciativas vitoriosas desenvolvidas por algum órgão público ou empresário rural, exibições de filmes técnico-educativos, mesas redondas, cursos de qualificação profissional, exposições de máquinas agrícolas e de produtos agroartesanais locais, etc.

O concorrido evento contava com o apoio e patrocínio de inúmeras instituições como a Prefeitura, Sindicato Rural, CASTIL, SICOOB Creditverentes, Banco do Brasil S.A., EMATER, além de indústrias de laticínios, fábricas de rações e adubos, firmas revendedoras de produtos agroveterinários, etc.

Renomados e experientes palestrantes, a fina flor de técnicos e especialistas da época e que compunham os quadros de respeitáveis órgãos e instituições como a EMATER, IEF, EMBRAPA, EPAMIG, Universidades de Lavras e Viçosa, FAEMG, executivos e dirigentes de Cooperativas e laboratórios veterinários e de multinacionais de laticínios prestigiavam o evento; trazendo conhecimento e informações do mais alto quilate para os nossos empreendedores rurais, suas famílias e ainda para o meio urbano.

Semana do produtor rural. Fins da década de 1980. A Sede Social Santiaguense acolhia, naquela festiva e álgica noite primaveril, dezenas e dezenas de efusivos ruralistas e de pessoas da comunidade. Um dos palestrantes, diretor da então poderosa CAPERMIL-Cooperativa de Produção da vizinha cidade de Entre Rios de Minas, discorria sobre associativismo e cooperativismo, enfatizando a real importância da união, da parceria, da solidariedade e mutualidade entre as pessoas, em particular os produtores rurais, no intuito de, através de organizações sociais como cooperativas, sindicatos, associações, poderem produzir, comercializar e beneficiar melhor a sua produção, procederem à aquisição de insumos em comum, obterem crédito próprio independente dos humores do governo e do sistema financeiro privado, enfim, melhorarem sua renda e condições de vida e terem uma participação social mais ativa.

Plateia atenta, até que um dos presentes, aparteou, de forma brusca e desconcertante, o orador:

-Moço, disse o ruralista dentre o surpreso público, tudo isso que o senhor está afirmando é baboseira... Cooperativismo não funciona... Vejamos o exemplo aqui de São Tiago... o da CASTIL e de tantas outras...

O palestrante, após ouvir o desabafo daquele produtor, suspendeu a sua preleção, dando-se início a um curioso e dialético diálogo:

-Como o senhor se chama?

-L.J, responde o cidadão

-Senhor L.J, pelo que percebo, a partir de suas contundentes palavras, o senhor deve ser um homem participativo e estar seriamente preocupado com os destinos desta comunidade, em especial com a Cooperativa de produção, tanto é que o senhor a considera inoperante...

-Disso o senhor não tenha dúvidas, retrucou o ruralista.

-Pois bem, sr. L.J, se o senhor me permite, gostaria, com a aquiescência do auditório presente, que me respondesse a algumas questões e a alguns pontos, de forma a esclarecermos melhor o assunto, aliás tema de minha dissertação nesta noite. Portanto, muito ilustrativo o seu questionamento

-Às ordens, o moço pode começar a perguntar.

-Sr. L.J, o senhor decerto participa sempre das reuniões e dos eventos promovidos pela Cooperativa aqui em São Tiago, principalmente as assembleias gerais realizadas, pelo menos, uma vez ao ano...

-Ah, não! Raramente tenho tempo para isso. Sou um homem muito ocupado e de muitos afazeres.



-O senhor faz suas compras no armazém da cooperativa e a ela entrega a sua produção, disto tenho certeza...

-Compro uma vez ou outra. Ela não é competitiva, nem sempre o preço lá é bom.

-O senhor vai sempre à Cooperativa, assunta e conversa com os dirigentes e outros cooperados, informa-se como vai a vida financeira, patrimonial e administrativa, lê os balanços?

-Não tenho tempo...

-O senhor deve ter um bom capital na Cooperativa e integraliza quotas eventuais, quando decidido pela assembleia, uma vez que, como o senhor muito bem sabe, cabe a todos nós, cooperados, capitalizar nossas Cooperativas.

- O que é isso, moço... Sou um empresário, homem de negócios... não posso deixar dinheiro “parado”...

-O senhor já deve ter feito parte de alguma diretoria ou melhor do que isso, o senhor já deve ter liderado alguma chapa de renovação dentro da Cooperativa?

-De forma alguma. Não quero me comprometer.

A cada resposta do produtor, o palestrante, homem largamente entendido em gestão e administração de empresas e expert em relações públicas, pessoa fortemente ligada ao cooperativismo, tinha lá suas lógicas deduções. Daí resumi-las ante o atento e sobressaltado auditório:

-Senhor L.J, com todo o respeito, se o senhor não participa da vida da cooperativa, não frequenta suas assembleias, não a prestigia praticamente em nada, não dá o mínimo de si em prol da instituição da qual o senhor é associado, não a capitaliza, mesmo sendo um dos seus donos, como o senhor ou qualquer outro com a mesma postura omissa quer que ela seja eficiente? Por milagre, obra do Espírito Santo?

E complementou, para constrangimento de muitos dos presentes, inclusive com o sr. L.J:

-Uma sociedade, a começar por nossa cidade, pela empresa em que atuamos, é a soma do trabalho, por mais simples que seja, de todos nós. Um corpo é a soma de inumeráveis órgãos e que necessitam de cuidados, de harmonia e zelos para o seu bom e correto funcionamento. Se não damos a nossa parte, como exigir dos outros? Colhemos, como diz a Bíblia, aquilo que plantamos. Terra não cultivada, sem a ação da enxada, onde vicejam urzes e espinheiros, como querer colher uvas dali?

E fixando o senhor L.J: - o senhor me desculpe e a tantos outros que acaso assim pensam ou agem, a cooperativa ou qualquer outra organização é a cara do associado, se ela não presta, não dá os frutos esperados, é porque o seu associado ou mesmo o cidadão comum, também é improdutivo, não lhe oferece a contraparte necessária ao seu desenvolvimento...

Brinquedos e Cantigas de roda



Dando sequência aos nossos registros sobre brincadeiras de roda e folguedos infantis do passado, enumeraremos, nesta edição, mais alguns números e suas letras.⁽¹⁾ O objetivo é o de registrar tais e tão ricas manifestações lúdico-folclóricas, na expectativa de que, em algum momento, possam ser reativadas por segmentos de nossa comunidade (escolas, grupos teatrais ou de tradições culturais, etc), lembrando que, até há algum tempo, os brinquedos de roda eram observados e executados, natural e espontaneamente, por grupos de gárrulas crianças, ao longo de nossas ruas, à porta das residências. Páginas memoráveis de nossa infância num passado ainda tão recente!

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no
ga-tô-tô
Mas o ga-tô-tô
não morreu-reu-reu
Dona Chica-cá admirou-se-se
Do berro,
do berro que o gato deu
Miau!

Escravos de Jó

Escravos de Jó
Jogam o caxangá
Tira, bota,
Deixa o Zebelê ficar
Guerreiro com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zigue, zá!
Guerreiro com guerreiros
Zigue, zigue, zigue, zá!

Na Bahia tem

(As crianças sentam-se na calçada; cada uma tendo à mão uma tampinha. Enquanto cantam e acompanham a melodia, batem a tampinha na calçada no ritmo da melodia)

Na Bahia tem,
Tem, tem, tem
Na Bahia tem,
Ó baiano, côco de vintém

Na Bahia tem,
Vou mandar buscar
Lampião de vidro, ó baiano,
Ferro de engomar

Eu andei, andei,
Eu andei no mar
Procurando aquela baiana
Só encontrei dedal

Eu passei na ponte,
A ponte tremeu,
Água tem veneno,
Quem bebeu, morreu.

Eu vi uma baratinha

(Canta-se e dança-se no compasso da música. Ao chegar no "sim, sim", "não, não", as crianças dão-se as mãos como para quadrilha e repete-se o trecho várias vezes)

Eu vi uma baratinha
No casaco do vovô
Assim que ela me viu,
Bateu asas e voou

Sim, sim, sim
Não, não, não
Rato de casaca,
Camundongo de chapéu

Já viram a menina

(As crianças vão cantando e executando os gestos por elas criados)

Viram a menina
Fazendo assim (um gesto)
Se queremos imitá-la
Façamos assim (um gesto)
Agora este gesto,
Depois outro assim (um gesto)
Com desejo de imitá-la,
Fazemos assim (um gesto)



Nota – Ver matérias sobre o mesmo assunto (brincadeiras de roda e folguedos infantis) em nosso Boletim, edições nº XXXI, Abril/2010 e nº LXX, Julho/2013

Carneirinho, Carneirão

Carneirinho,
carneirão, neirão, neirão
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro
chão, pro chão
Vamos Deus, Nosso Senhor, Senhor,
Senhor
Para todos se ajoelhar
Para todos se sentar
Para todos se deitar
*(Em roda, cantam e obedecem
as ordens da melodia)*



Sinhazinha

Sinhazinha diz que tem
Sete saias de balão
É mentira, ela não tem
Nem dinheirinho para sabão
Ra, ra, ra, ra, ra, ra, rá!

Sinhazinha diz que tem
Uma cama de colchão
É mentira, ela não tem:
Ela dorme é no chão!
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Ah! Ah! Minha madrinha
Quem te pôs a mão
Sabendo que és minha,
Sabendo que és minha!
Eu também sou tua...
Pula...para o meio da rua

*(Em roda, vão cantando e saindo, uma a uma: quem
sobrar, a última criança, é tratada com palmas e
gritos: "Pau-rolê! Pau-rolê!")*



Chicochico de mim não gosta

Chicochico de
mim não gosta
Carne seca com farinha
Pensei que Chicochico era
Ladrão de minhas galinhas
Chicochico é meu!
Serás ou não
Bebendo água no caldeirão
*(Neste folgado, as crianças são em número
impar. De mãos dadas, andam ou giram
em roda. Ao chegar um bebendo água no
caldeirão, abraçam-se aos pares e a que
sobrar recebe uma vaia: "Pau rolô! Pau
rolô! Pau rolô!")*



Ciranda Cirandinha

Ciranda cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar

O anel que tu me deste
Era de vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou

Por isso, Dona
Entre dentro dessa roda
Diga um verso bem bonito,
Diga adeus e vai-se embora

*(Todas as crianças fazem a roda e andam de mãos
dadas. A criança que for nomeada vai ao centro, fala
o verso e continua o brinquedo...)*



Vestidinho branco

Vestidinho branco vai muito bem
Mas a menina Ivone não quer ninguém
Bis

(só quer seu bem)
Vai de ramo em ramo, vai de flor em flor
Vai de braço dado com seu lindo amor

Margarida vai à fonte

Margarida vai à fonte
Margarida vai à fonte
Para encher o cantarozinho
Rolam lírios pelos montes
Rolam lírios pelos montes
Vai à fonte e volta sozinha

Linda flor desconhecida
Linda flor desconhecida
Que o sol beija ao nascer
Deixa-te estar escondida
Deixa-te estar escondida
Nessa paz de teu viver



Capelinha de melão

Capelinha de melão,
É de São João, está
dormindo
Não acorda, não
É de cravo, é de rosa
É de manjeriço
Acordai, acordai,
São João



COMERCIANTES SÃO TIAGUENSES DO PASSADO

Passagem de tropas e boiadas e parada obrigatória, em idos tempos, para os viandantes e caravanas que demandavam os sertões (Triângulo Mineiro, Goiás, etc) ou o litoral, São Tiago contou com comércio, modesto embora, mas de portas abertas para o atendimento aos que por aqui transitavam e ainda aos moradores desses nossos ínvios rincões.

Pouco ou quase nada se conhece do comércio fixo local até meados e fins do séc. XIX. As Listas nominativas dessa época mostram que a maior atividade econômica era o comércio e o transporte (de bens, víveres, mercadorias) através de muarens. Sabe-se, pela oralidade, e ainda assim um tanto quanto vagamente, que um “português”, aí pelas décadas de 1870/1880, mantinha um provido armazém de secos e molhados na Praça da Matriz (aproximadamente onde hoje se situa o Ed. São José – Salão Paroquial). Há ainda referências orais a um entreposto ou depósito de víveres e mantimentos no lugar “Estiva”⁽¹⁾ por onde ocorria grande trânsito de viajantes e tropeiros. O Cap. João Pereira, além de criador e comercializador de gado, era proprietário de uma botica (farmácia), de larga movimentação e renome, no imóvel hoje em ruínas de propriedade de familiares do sr. Alberto Luz Santiago (Beco).

Encontram-se inúmeras dificuldades no tocante a pesquisas que envolvam o registro ou lançamento de firmas de nosso meio, junto ao Poder Público, no período anterior à emancipação de São Tiago. Os arquivos da Prefeitura de Bom Sucesso (município ao qual fomos jurisdicionados de 1872 a 1948, na condição de distrito) são, via de regra, bloqueados a pesquisas, sob a alegação de que os documentos não estão catalogados, de que se acham em mau estado de conservação ou se perderam etc. portanto não liberados ou disponíveis.

No séc. passado, inúmeros e prósperos comerciantes destacaram-se em nosso meio, nos mais diversos ramos, dentre eles Sabino Ferreira de Resende, Abrahão Mattar, Luís Caputo, Francisco Palumbo, José Hemetério Mendes e depois seu filho Vicente José Mendes⁽²⁾, José Campos e posteriormente seu filho Joaquim de Paula Campos⁽³⁾, Manoel Gaudêncio de Souza (Lilito), João Evangelista Caputo,⁽⁴⁾ João Mateus de Freitas⁽⁵⁾, Joaquim Almeida, José Caputo Filho (Prestes), Irene Caputo, os irmãos Francisco e Noé Luiz de Oliveira, Jairo Navarro de Castro⁽⁶⁾, Percyval Campos de Resende.

Na área de açougues e comércio de carnes: Mamud Mattar, Odilon de Almeida, Euclides Morais (Quidinho), Laerte Resende.

Padarias: Sabino Resende, Galito Pantaleão, Rafael Caputo, Joaquim Vieira da Costa (Zote), Vicente Ribeiro (Nhô Padeiro).

Indústrias de Laticínios mencionam-se os seguintes empresários: João Campos, Ilídio Campos, Ademar Mendes de Almeida, Lopo Coelho (Depois Laticínios Freire e hoje do Sr. Luís André Resende), Sabino Santiago.



Laticínios Orlamar (Depois BOANATA) – CASTIL/COOPERBOM. Curtumes, selarias e artefatos de couros: Carlos Caputo (Caboclo e Filhos), Laerte Resende

Calçados: Gustavo de Paula, Inácio Pantaleão.

Barbearias: Altivo Campos, João Resende.

Ind. de doces: Hélio Campos,

NOTAS

(1) A palavra “Estiva” tem vários significados em nossa língua, dentre eles: “armação do tabuleiro de uma ponte de madeira”; “pavimento ou piso gradeado”; “gêneros que formam a base do comércio de secos e molhados, especialmente os gêneros em grosso”. Estiva (ou fanga) Indica(va)m também, por extensão, a casa comercial onde se vendiam cereais por atacado, a grosso, e geralmente por alqueires (1 fanga = 4 alqueires; 1 alqueire = 4 quartas ou 36,27 litros).

(2) Sobre o sr. Vicente José Mendes ver matéria em nossas edições n°s: LXIV – Janeiro/2013; XLIII – Abril/2011; LXIX – Junho/2013; XXIV – Setembro/2009; XXII – Julho/2009.

(3) José Campos, outro renomado negociante local – ver matérias em nossos boletim n°: XXII – Março/2013.

(4) João Evangelista Caputo (Joãozinho Caputo) era proprietário de grande e tradicional loja comercial situada na Rua Francisco das Chagas, em confluência com as Ruas Cel. Benjamim Guimarães e Pe. José Duque de Siqueira.

Tinha como sócio seu filho João Bosco Caputo, com um magazine em anexo, onde eram vendidas mercadorias modernas para a época (máquinas fotográficas, bolas e uniformes esportivos, relógios, rádios, etc).

(5) Sobre o sr. João Mateus de Freitas, um dos mais marcantes e generosos comerciantes de nosso meio e que deixou sua marca folclórica e pitoresca, ver matéria em nosso boletim n°s: XVIII – Março/2009; XX – Maio/2009.

(6) Jairo Navarro foi, igualmente, outro importante empresário do comércio em nossa comunidade e cuja generosidade muito serviu à população pobre local, Ver matéria em nosso boletim n°s: XXVIII – Janeiro/2010; XIX – Abril/2009.

(7) Havia uma antiga e peculiar expressão – (fazer uma coisa) “às canhas”, ou seja o inverso, o contrário daquilo que deveria se fazer. Tais quais alguns dos nossos desajeitados comerciantes.

(8) João Lúcio Brandão, que viveu em São Tiago em fins do séc. XIX, em seu romance “Pontes & Cia” menciona que as modalidades de jogos, então comuns, eram: truque, marimbo, bisca, búzios, pavuna.

Viajantes estrangeiros que passaram pela região das Minas, dentre eles João Emanuel Pohl, fazem larga referência ao “Whist”, jogo, segundo ele, muito divulgado e praticado então com ardor e... muito dinheiro!

UM POUCO DE FOLCLORE CURIOSIDADES SOBRE ALGUNS COMERCIANTES LOCAIS

Alguns negociantes, por suas inusitadas atitudes, tidas até como bizarras, não muito apropriadas à complexa e engenhosa arte do comércio (7), tornaram-se folclóricos.

I - JHM, certa fase da vida, tornara-se amigo do jogatina; na verdade, um viciado, jogador compulsivo, o que, lamentavelmente, era muito comum, entre nós, no passado e que levou à ruína financeira e moral – e até a honra familiar – vários cidadãos de bem.

Em seu espaçoso e bem sortido estabelecimento na Praça “de baixo”, quartirão hoje entre a Rua Carlos Pereira até a Praça D. Pedro II, o freguês encontrava as portas abertas de par em par, mas ninguém para atender. As moscas. O comerciante, numa sala reservada ao fundo, juntamente com vários outros inveterados jogadores, cuidava do truço...

IMAGEM/MONTAGEM/INTERNET/DIVULGAÇÃO



Após insistentemente chamado – isso quando o freguês simplesmente não ia embora – vinha a contragosto (ou respondia lá do fundo, sem se levantar), tão somente para dizer, de forma automática, que não tinha a mercadoria. Tudo isso antes que o freguês esclarecesse que produto desejava, suponhamos uma panela de ferro ou um quilo de sal, e as prateleiras ali à vista, escancaradas, abarrotadas desses produtos...

Despachava maquinalmente o freguês, retornando às pressas ao antro da jogatina, (8) por ele implantado e sacramentado dentro de seu estabelecimento comercial

II – MG, cidadão dos mais altos princípios sociais, cívicos, religiosos, corretíssimo em todos os seus atos, exemplaríssimo chefe de família, sisudo por vezes, era proprietário de uma loja de armarinhos na Rua Francisco das Chagas, e tinha por inusitado hábito, manter uma mesma mercadoria com preços diferenciados, conforme a data de cada aquisição. Se, no período entre uma compra daquele produto e a próxima compra (“encomenda”), ocorresse alta nos preços de fábrica ou de intermediação, MG mantinha o preço da mercadoria ainda em estoque e fazia o reajuste – e ainda assim, a margem mínima possível – apenas na aquisição mais recente.

Naqueles tempos, a inflação era algo controlado, menos “visível”, não se observando as suas garras afiadas, como dos tempos atuais. Passava a ter, à venda, a mesma mercadoria com dois, até três ou quatro preços diferentes.

Os comerciantes locais do passado abasteciam suas lojas, via de regra, de duas formas: deslocando-se até os grandes centros para as aquisições e reposições de seus estoques, geralmente o Rio de Janeiro, dada a facilidade da remessa e embarques, via ferrovia; ou adquirindo-as através de viajantes (os denominados “cometas”), que eram vendedores credenciados ou representantes de firmas atacadistas ou de indústrias, e que passavam, de tempos em tempos, pela cidade. Algumas mercadorias, posteriormente, passaram a ser fornecidas por atacadistas regionais e/ou mesmo locais, entre nós, o sr. Vicente Mendes.

Assim, o freguês, ao chegar à loja, interessado em adquirir um chapéu “panamá” e ao agradecer-se de um dos modelos, encontrava preços diferentes, nas várias pilhas do produto. O mesmo chapéu, nas mais perfeitas condições e com preços diferenciados... O escrupuloso negociante informava:

- Esse é mais barato porque faz parte de uma remessa anterior, uma aquisição mais antiga e por isso, mantenho rigorosamente o preço velho... Já este aqui, é um pouco mais caro, pois a firma me entregou por esses dias, e com um ligeiro reajuste.

Não aceitava “ganhar” sobre o capital investido e ali estocado. Sequer um preço médio. Julgava a majoração ser antibíblica, antiética, uma deslealdade para com o consumidor. Quanta santa singeleza de ovelha, para um ramo de “esperotos” e “lobos” como é o do comércio... Obviamente, acabou por fechar as portas!

III – Outro comerciante de armarinhos, estabelecido na Rua Viegas, era resistente para “mostrar” a mercadoria ao freguês; este não só quer ver, mas igualmente manusear, verificar texturas, qualidade e resistência do produto, etc.

Dessa forma, se uma freguesa, - exemplificando, uma senhora preparando o enxoval de uma filha ou necessitando renovar o bragal (roupa branca) de sua casa – adentrando a loja, ao divisar peças de morim, algodão, cretone, percal, linho, chitão, poliéster, gorgorão, etc. nas prateleiras, estas às vezes altas, quase ao nível do teto, e em algumas delas demonstrasse interesse, solicitava ao dono que gostaria de manuseá-las, “conhecer” melhor as peças...

Resposta, quase sempre, infalível do negociante: - Não vou descer, pois você, decerto, vai só olhar, alisar e não irá comprar... E dá uma trabalhadeira tornar a dobrar cada peça e repô-la lá em cima...

IV – JM manteve, durante curto tempo, um comércio, um bar mercearia de pequeno porte, na Rua Prof. Josino Rodarte. De poucas letras, com dificuldades no domínio da aritmética, além de pessoa generosa, “coração mole”, tornou-se vítima de muitos maus fregueses e pessoas astuciosas das redondezas. Uma vítima fatal, porquanto, rapidamente seus negócios degingolaram...

Além dos “trocos” errados, dos “fintões” às claras e às ocultas, as pessoas, mulheres em geral, tinham o hábito de produzir salgados, doces em casa para “por na venda de São JM”. O comerciante tinha reduzida freguesia e não havia as estufas térmicas de hoje para conservação e dessa forma, pastéis, coxinhas, empadas ali deixados, rapidamente se deterioravam, não eram vendidos. JM, com dó das quitandeiras e que tinham naquela atividade um reforço da renda familiar, continuava recebendo periodicamente as novas foadas – como não vendera a anterior, ficava com a produção, consumindo-a em casa ou lançando-a para os animais domésticos ali em grande número, à espera de um petisco...

O povo dizia: - JM está comendo o lucro...

Havia ainda aqueles que lhe pediam “empréstado” algum dinheiro ou sabendo-o pessoa “caridosa”, “religiosa”, era aquela penca de pedidos: adjutórios para pobres, óbolos para a Igreja, rifas, quermesses e assim ia-se, pelo ralo e aos gorgolhões, o limitado capital do crédulo comerciante...

Liberal, generoso, mão aberta para com muitos fregueses e “amigos da onça”, bancava o consumo de cervejas, pinga, tira-gostos, além do empréstimo de vasilhames, engradados, obviamente a serem pagos no dia de São Nunca – as prateleiras diminuindo, esvaziando a olhos vistos. Pessoas comentavam: - JM está comendo o estoque!...

E do lucro ao capital, daí ao estoque, não teve o comerciante outra opção senão fechar as portas...

Bailes de Agosto e o dancing do Joaquim Campos

As denominadas e famosas “Festas de Agosto” foram, no passado, um dos eventos religiosos e sociais mais importantes de nossa terra. Eram um prolongamento dos Festejos em honra aos padroeiros São Tiago Maior e Sant’Ana, brilhantemente comemorados pela Igreja e comunidade, dias 25 e 26 de Julho e que se estendiam, dessa forma, até a Assunção de Nossa Senhora (15 de Agosto). Daí, esse período ser conhecido como “Festas de Agosto”, que envolviam celebrações de terços, missas, tríduos, novenas em honra à Mãe de Jesus, distinguindo-se, em termos litúrgicos e devocionais, das comemorações em honra a São Tiago Maior.

Agosto era, igualmente, símbolo de inúmeros eventos sociais e profanos, como bailes, tertúlias, saraus, serestas, exposições, jogos esportivos, rodeios, presença de circos, grupos de teatro, saltimbancos, tendas de ciganos e ainda outras tantas apresentações de arte popular. Visitantes, romeiros e vendedores, quer ambulantes, quer instalados em barracas e quiosques, ao lado de moradores, enchiam, com suas cores, burburinhos e pregões, as ruas e praças da pequena e hospitaleira localidade.

Um dos pontos “altos” das festas eram os bailes, que atraíam centenas de moços, moças e famílias de toda a região; eram realizados em vários clubes da cidade e mesmo residências

ou locais com algum espaço, dentre esses o do antigo prédio da Prefeitura. Conjuntos locais e de outras cidades eram contratados.

Um dos mais conhecidos empresários, entre nós, era o sr. Joaquim de Paula Campos, (nascido em 24/05/1925 viveu até 08/11/1990).⁽¹⁾ proprietário de um clube na Av. Cel. Benjamim Guimarães, onde explorava serviços de bar, recepções e bailes. Uma azáfama o planejamento e a programação de um baile: víveres, pessoal para cozinha e atendimento aos fregueses habituais e forasteiros, preparação e arranjos para as mesas; bebidas; o aviamento de salgados, carnes; talheres, vasilhames, cozinheiras, portaria, conjuntos musicais...

Contratara Joaquim, certa época de festas de agosto, um conjunto de cidade vizinha, Bom Sucesso ou Carmópolis, para animar o baile. Por motivos de última hora, o grupo musical não compareceu, correu cotia, deixando o empresário na mão. O recinto estaria cheio de frequentadores oriundos de toda a região, seu clube era conhecido e realizava tradicionalmente os bailes, não havia como suspender o evento. Teria muito prejuízo, não só financeiro, mas também de imagem.

Joaquim resolveu, então, improvisar, contratando músicos locais. Jaburu, Zé Mendes, Nhô do Bandolim, Zé Garrafinha, Mário Capim, dentre tantos outros. As coisas corriam bem, salão cheio, conjunto musical motivado, repertório no agrado da freguesia, até que, pelas tantas, um desentendimento qualquer entre os músicos, talvez em consequência de bebida, acaba em pancadaria. Mário Capim é atingido por um violão na cabeça. Uma algaravia de todo tamanho se forma no ambiente.

Joaquim, que além de dono, fazia de tudo, pau para toda obra, é chamado. Era por “segurança”, por pão-durismo, munheca de samambaia, diziam muitos. O proprietário fica, então, sem saber o que fazer: se acabava de fritar os pastéis, se servia as mesas, se atendia o balcão, se separava os brigões, se socorria o ferido. Chamar a polícia, nem pensar, pois traria dissabores, mal estar entre a freguesia.

O fato é que, até contornar a confusão e por ordem na casa, Joaquim teve lá seus prejuízos. Muita gente saiu sem fazer o acerto das mesas, cadeiras danificadas, além dos aproveitadores e espertos de sempre, da mão leve, carregando bebidas, enlatados, defumados... Ossos do ofício!

NOTAS

(1) A escritora e memorialista são-tiaguense Ermínia Carvalho C. Resende em sua cativante obra “Acaso são estes os sítios formosos?” Assim se refere a estes memoráveis eventos da São Tiago de meados do século passado: “Bailes iluminados, divinos pelas músicas, roupas, pelos locais; qualquer espaço maior virava salão de baile (...) Na casa velha do Joaquim Campos, saudosos momentos, onde se dançava tango, bolero, fox, valsa, rumba, maxixe, baião, samba canção. Casais enlaçados, corpos e rostos colados...”

(op.cit. pág 184).

IMAGEM/MONTAGEM/INTERNET/DIVULGAÇÃO

